MADE IN CHINA: AS RELAÇÕES GEOECONÔMICAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA (BRASIL) COM A NAÇÃO ASIÁTICA

MADE IN CHINA: THE GEOECONOMIC RELATIONS OF THE SANTA CATARINA STATE (BRAZIL) WITH ASIAN NATION

MADE IN CHINA: LAS RELACIONES GEOECONÓMICAS DEL ESTADO DE SANTA CATARINA (BRASIL) CON LA NACIÓN ASIÁTICA

Eduardo von Dentz
Departamento de Geografia
Universidade Federal do Ceará (UFC)
eduardovondentz@hotmail.com

Bruno Saggiorato
Doutorando em Geografia
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
saggiorato38@gmail.com

Destaques

- No ano de 2023, a China tornou-se o principal parceiro comercial do estado de Santa Catarina.
- Nas relações comerciais com a China, o estado de Santa Catarina vem aumentando seu déficit, em razão do volume de produtos industrializados de alto valor agregado importados do país asiático.
- A sofisticação tecnológica dos produtos chineses comprados por Santa Catarina é superior aos produtos que a China compra de Santa Catarina. Entretanto, Santa Catarina se destaca na complexidade produtiva dos setores de carne suína, carne de frangos e motores e materiais elétricos.
- Santa Catarina necessita de um processo de aprendizagem técnica e científica da China para o aprimoramento tecnológico dos seus complexos produtivos existentes e para os que podem surgir.
- A substituição de importações, a partir do desenvolvimento de ecossistemas produtivos mais complexos, se faz necessária para diminuir a dependência externa de Santa Catarina por produtos com elevada sofisticação tecnológica.

V. 15, n.30, 2024 - ISSN 2176-9559
REL/DOI 10.30612

RESUMO

As relações comerciais entre a China e boa parte dos países do mundo têm se destacado especialmente a partir dos anos 2000. Tornou-se comum encontrar análises científicas sobre o comportamento da relação comercial entre a China e diversos países do mundo. Entretanto, essas análises muitas vezes não ocorrem na escala dos estados (províncias) e das regiões. Diante disso, o objetivo deste artigo é revelar a relação geoeconômica entre a China e o estado de Santa Catarina (Brasil) especialmente a partir das trocas comerciais. Metodologicamente, o artigo foi escrito a partir de três passos: 1) levantamento de bibliografia e dados, 2) realização de trabalhos de campo, e 3) organização, tratamento, cruzamento e análise dos dados e da bibliografia levantados. Os resultados principais apontam para uma ampliação das relações comerciais entre a China e o estado de Santa Catarina em diversos segmentos produtivos, com a China tornando-se o país protagonista, ao ultrapassar os EUA, nas trocas comerciais com Santa Catarina.

Palavras-chave: China; Dinâmica geoeconômica; Relação comercial; Santa Catarina.

ABSTRACT

The commercial relations between China and the others countries around the world has excelled since the beginning of the 2000s. It has become common to find scientific analyzes about the comportment of commercial relation between China and different countries of the world. But, these analyzes often do not happen on the scale of the states (provinces) or the regions. Given this, the objective this article is to reveal the geo-economics relation between China and Santa Catarina state (Brazil), especially from commercial exchanges. Methodologically, the article was writ by three steps: 1) bibliographic and data survey, 2) conducting fieldwork, 3) organization, treatment, accruement and analysis of the data and bibliographic survey. The principal results point to an amplification of the commercial relations between China and Santa Catarina state in different production segments, with China becoming the leading country, when overtake the USA, in the commercial exchange with Santa Catarina state.

Keywords: China; Geoeconomic dynamic; Commercial relation; Santa Catarina.

RESUMEN

Las relaciones comerciales entre China y varios países del mundo se destacan desde el comenzó de los años 2000. Se tornó común encontrar análisis científicos sobre el comportamiento de la relación comercial entre China y diversos países del mundo. Todavía, esos análisis muchas veces no pasan en la escala de los estados (provincias) o de las regiones. Frente a eso, el objetivo de este artículo es revelar la relación geo-económica entre China y el estado de Santa Catarina (Brasil) especialmente desde los cambios comerciales. Metodológicamente, el artículo fue escrito desde tres pasos principales: 1) levantamiento de bibliografía y datos, 2) realización de trabajos de campo, y 3) organización, tratamiento, cruzamiento y análisis de los datos y de la bibliografía levantados. Los resultados principales apuntan para una ampliación de las relaciones comerciales entre China y el estado de Santa Catarina en distintos seguimientos productivos, con China se tornando el país protagonista, al superar los EUA, en los cambios comerciales con Santa Catarina.

Palabras clave: China; Dinámica geoeconômica; Relación comercial; Santa Catarina.

INTRODUÇÃO

O crescimento da economia chinesa[1] e suas relações comerciais com diversos países do mundo vem se aprofundando desde a segunda metade do século XX. Mas a partir dos anos 2000 esse crescimento tem chamado atenção de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Além disso, até a primeira década dos anos 2000, pode-se dizer que os produtos chineses tidos no senso comum como de baixa qualidade já não podem mais ser considerados dessa forma. Conforme salienta Ciseski (2012), a "nova fábrica do mundo" se transformou numa economia que importa produtos inacabados e exporta produtos acabados e de reconhecida qualidade, até mesmo para países ditos industrializados, como é o caso da Coréia do Sul, Japão, França e outros.

Esse crescimento chinês não é fruto do acaso, assim como não pode ser considerado um milagre de momento (Jabbour, Dantas e Espíndola, 2020). A essa economia chinesa que vem chamando atenção do mundo, com base nas formulações de Rangel (1959) e Jabbour *et al*. (2022), há um realce sobre a constatação de que: o "socialismo de mercado" na China alcançou um estágio superior, que pode ser chamado de Nova Economia do Projetamento. A economia do projetamento só pode ser entendida no bojo dos gigantescos resultados socioeconômicos que ela produz e se for analisado o processo histórico em movimento no qual ela acontece. Jabbour e Gabrielle (2021) sinalizam que a economia do projetamento chinês tem elementos suficientes para ser interpretada como parte da história da civilização humana. Diante disso, em que pese outras linhas de pensamento, heterodoxas ou ortodoxas, sobre a China, o delineamento teórico aqui apresentado caminha no sentido de deixar claro que não se trata de uma onda favorável na qual a China vem surfando para se destacar no cenário global, mas de um processo histórico que desemboca no projetamento econômico do país para enfrentar seus grandes problemas e se destacar no cenário geoeconômico mundial.

[1] Pode-se sustentar que "[...] o contínuo crescimento econômico chinês consiste no mais impressionante fato da história econômica recente" (Jabbour *et al*., 2022, p. 2). No mesmo sentido, Jabbour, Dantas e Espíndola (2020, p. 38) asseveram que o caso chinês é o "[...] maior e mais longevo processo de desenvolvimento na história". De fato, alguns indicadores são surpreendentes: nas últimas quatro décadas (1980-2020) o PIB da China cresceu em média 9,2% ao ano; no mesmo período, o PIB per capita saiu de US$312 para US$10.408 e a taxa de investimento como proporção do PIB mantém-se acima de 40% pelo menos desde 2008, enquanto a média mundial não passa de 25% e a do Brasil está há uma década abaixo de 20% (Banco Mundial, 2023).

Neste contexto, na relação com o Brasil, a demanda chinesa crescente por produtos considerados primários (agropecuários, minerais e petróleo). Isso ajuda a explicar o fortalecimento das relações comerciais bilaterais com a nação asiática, ao mesmo tempo que o aumento da demanda brasileira por produtos manufaturados e semimanufaturados ajuda a explicar o aumento das importações brasileiras da China. Neste sentido, um dado chama atenção: no ano de 2024, quando é comemorado o aniversário de 50 anos das relações bilaterais entre Brasil e China, o Brasil vive o seu ápice das relações comerciais com um único país. A China foi o primeiro país do mundo com o qual o Brasil ultrapassou a marca dos US$100 bilhões em exportações, representando uma fatia de 30,7% de tudo o que o Brasil exportou para o mundo no ano de 2023[2] (MDIC, 2024).

Dada a relevância da relação bilateral Brasil-China, também se mostra relevante a análise das relações geoeconômicas dos estados brasileiros com a China, apesar de muitas vezes isso não ocorrer nas análises de conjuntura das relações comerciais entre países. Desta maneira, neste artigo, as atenções estarão voltadas para Santa Catarina, um importante estado brasileiro que mantém valores expressivos na relação comercial com a China e se destaca na exportação de produtos como carne de frango, carne suína, derivados vegetais, madeiras, motores elétricos, dentre outros. No ano de 2003 Santa Catarina exportou um total de US$66,5 milhões para a China e no ano de 2023 atingiu a marca de US$2,59 bilhões, ou seja, mais que quadruplicou os valores das exportações para a China, numa proporção semelhante à do Brasil no mesmo período. Diante disso, visando contribuir com as análises geoeconômicas da relação comercial entre o estado de Santa Catarina e a China, o objetivo deste artigo é revelar a relação geoeconômica entre a China e o estado de Santa Catarina (Brasil) especialmente a partir das trocas comerciais. Do ponto de vista metodológico, o artigo foi escrito a partir de três passos: 1) levantamento de bibliografia e dados, 2) realização de trabalhos de campo, e 3) organização, tratamento, cruzamento e análise dos dados e da bibliografia levantados.

Para alcançar o objetivo anteposto, além desta introdução e das considerações finais, o artigo encontra-se dividido em duas seções, quais sejam: 1) sobre o desenvolvimento da China como um todo e sua expansão comercial nos últimos anos,

[2] No ano de 2003 a China era o destino de 6,2% das exportações brasileiras. Portanto, nos últimos 20 anos (2003-2023), as exportações do Brasil para a China mais que quadruplicaram.

especialmente neste início de século; 2) sobre a dinâmica das relações comerciais do estado de Santa Catarina com a China, buscando, para além de apresentar os dados de evolução dos valores comerciais, explorar os produtos exportados e importados, seus níveis tecnológicos e a sofisticação produtiva tanto da China quanto do estado de Santa Catarina.

A CHINA NO SÉCULO XXI E SUA EXPANSÃO COMERCIAL

A ascensão da China é resultado de um longo processo de reconstrução nacional que teve início com a revolução de 1949, liderada por Mao Tsé-tung. Desde 1949, sucessivos presidentes conduziram a política econômica da China num viés de continuidade da resolução dos profundos problemas econômicos, sociais e ambientais que a China enfrentava, bem como do pensar adiante a nação grande que a China poderia se tornar. Conforme apontam Pautasso, Doria e Nogara (2020), com a chegada do Partido Comunista da China (PCCh) ao poder, essa etapa inicial de reconstrução nacional foi inaugurada, apresentando como prioridade o restabelecimento da integridade territorial da China e a construção das bases sólidas de uma indústria de produtos básicos e de infraestrutura (transportes, energia, comunicações e outros).

A partir de 1970, Deng Xiaoping, o sucessor de Mao Tsé-Tung, compõe a liderança principal de uma segunda geração de líderes que conduziram a continuidade do desenvolvimento econômico e social da China. No final da década de 1970 e início da década de 1980, Deng Xiaoping liderou uma reforma de abertura comercial[3], proporcionando a entrada de muito capital estrangeiro na China e a entrada maciça da China no mercado internacional. Logo após a sinalização de abertura, na década de 1980 formaram-se na China diferentes Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), cada uma destinada para atividades industriais tecnologicamente desenvolvidas em diferentes áreas, aproveitando-se de vantagens locacionais competitivas para atrair investimentos estrangeiros e crescer na capacidade de produção (Pautasso, Doria e Nogara, 2020).

Em 1993 Deng Xiaoping foi sucedido por Jiang Zemin, que ficou no poder até 2003. Zemin deu continuidade às políticas de abertura econômica iniciadas por Deng, mantendo a estrutura institucional da nação de centralização do poder econômico e

[3] Reforma e abertura que, diga-se de passagem, foi conduzida e planejada pelo Estado chinês, assegurando a soberania do país. Para mais detalhes sobre esse processo, ver Jabbour e Gabriele (2021).

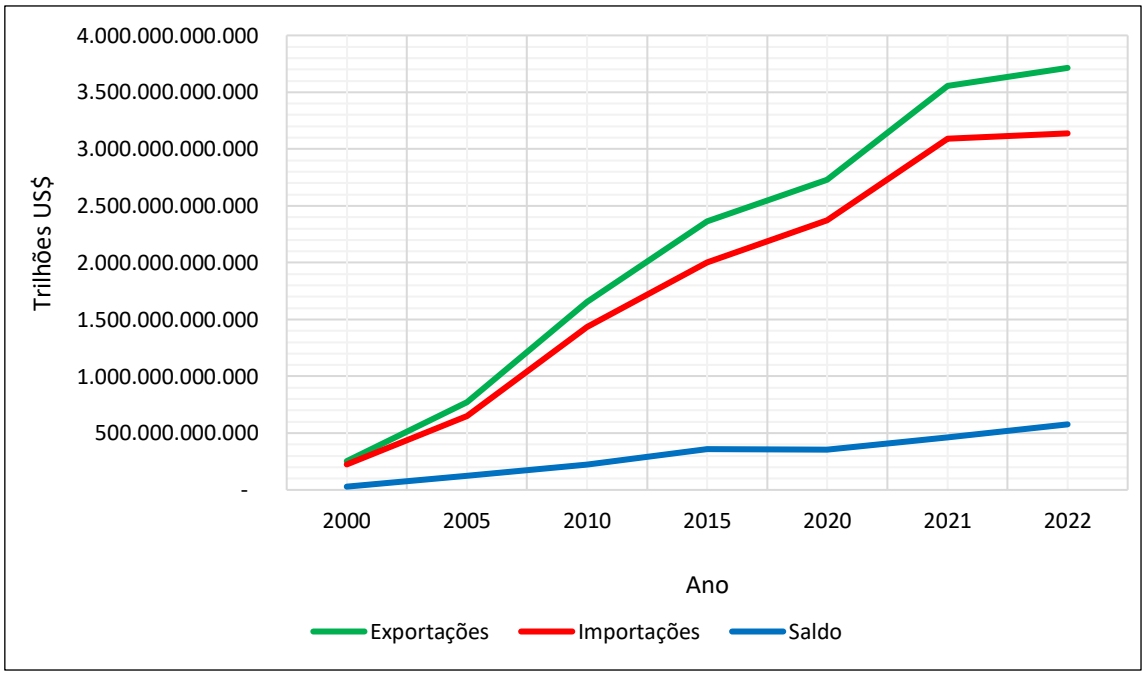
político nas mãos do Estado. A partir de 2003, Hu Jintao tornou-se presidente da China e permaneceu por dez anos no poder até que, em 2013, o atual presidente Xi Jinping assumiu a liderança política da China. Com Xi Jinping, a China definitivamente passou a compor o cenário geoeconômico e geopolítico global, entrando na fronteira tecnológica de segmentos como semicondutores, carros elétricos, placas fotovoltaicas de energia solar, trens de alta velocidade, indústria de fármacos, dentre outros. Além disso, no campo social Xi Jinping alcançou feitos extraordinários, como a migração do campo para as cidades de forma ordenada, a significativa redução da pobreza extrema principalmente nas áreas rurais e o fim da fome na China declarado pela ONU em 2017. Em quatro décadas, a China retirou mais de 800 milhões de pessoas da pobreza extrema. Para ter uma ideia de tal feito, em 1980 mais de 80% da população vivia nessa condição e em 2000 esse índice ainda era de mais de 40% da população chinesa (World Bank, 2021).

Nesse processo, ao resolver e continuar resolvendo problemas seculares, a China tornou-se notadamente a maior potência comercial do mundo e a maior economia do mundo em poder de paridade de compra. Em valores correntes de produção interna do mundo bruta, a China vem ano após ano aproximando-se dos EUA, que ainda permanece como maior economia global em valores correntes de PIB - Produto Interno Bruto. Neste contexto, a partir de 2010 a China vem planejando e executando robustos projetos de integração regional interna e externa. No âmbito interno o desafio é consolidar uma rede de trens de alta velocidade ligando todas as principais cidades do país. No âmbito externo, a China como potência mundial tem projetos direcionados ao Pacífico, à região euroasiática, através da Cooperação de Xangai (OCX) e, principalmente, a Nova Rota da Seda. Na medida em que esses projetos entram em execução, a China incorpora camadas da sua população em potencial de consumo de produtos cada vez mais sofisticados, demandando, entretanto, ainda uma quantidade significativa de produtos primários e semimanufaturados de outras partes do mundo. Neste contexto, o Brasil entra como parceiro comercial fundamental para a China, ao mesmo tempo em que a China se torna o maior parceiro comercial do Brasil.

Portanto, a China criou e continua criando possibilidades de auxiliar na concretização de inúmeros objetivos centrais para a estratégia de inserção global. A execução desses grandes projetos, por exemplo, auxilia na criação de demanda para a capacidade produtiva, por vezes ociosa, de sua indústria nacional. Ademais, a China

mantém elevada a preocupação de questões como à segurança alimentar, energética e no acesso a um conjunto de recursos naturais (em estado bruto ou inacabado) extremamente necessários à manutenção do projeto de desenvolvimento da China. Assim, a execução desses projetos potencializa a internacionalização das empresas chinesas, as quais levam consigo os serviços nacionais, sobretudo os de engenharia (Pautasso, Doria e Nogara, 2020). Diante disso, é notável o crescimento das exportações e das importações da China, aproximando-se da marca dos US$4 trilhões exportados no ano de 2022 e dos US$3,2 trilhões importados no mesmo ano (Gráfico 1). No Gráfico 1, além da evolução das importações e exportações da China, observa-se um importante crescimento do saldo da balança comercial no período 2000-2022, atingindo um superávit comercial de cerca de US$600 bilhões no ano de 2022.

Gráfico 1 – Exportações, importações e saldo na balança comercial da China (US$) no período 2000 a 2022



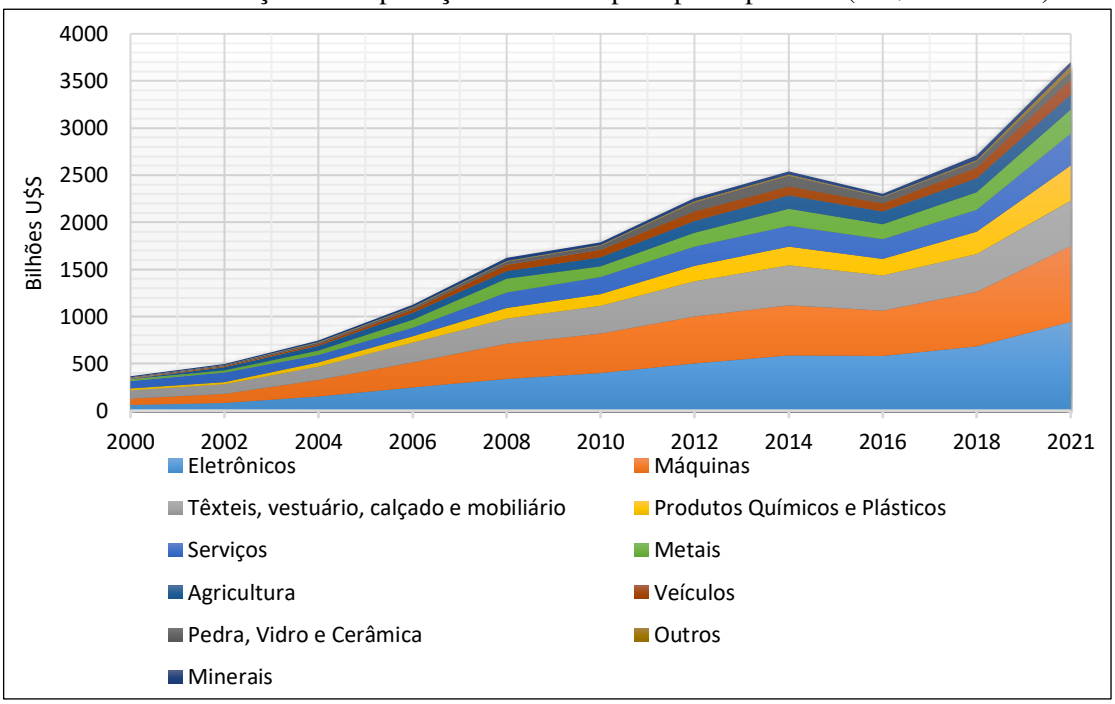
Fonte: World Bank (2022).
Elaborado pelos autores.

Desde a sua entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC) no final de 2001, os números são cada vez mais expressivos. De acordo com dados do Banco Mundial, foi precisamente em 2010 que a China ultrapassou os EUA como maior exportador do mundo. Diante disso, pode-se afirmar que a expansão do comércio chinês é um dos fenômenos geoeconômicos mais impressionantes neste século. Isso pode ser

verificado quando analisado os dados dos principais parceiros comerciais que as nações do mundo possuíam e possuem. Enquanto no ano 2000 os EUA eram absolutos no domínio do comércio internacional, no ano de 2022 a China se firmou como soberana ao impor-se com a presença maciça de seus produtos, principalmente nos países asiáticos, africanos, latino americanos e europeus. Os EUA, entretanto, mantem-se como principal parceiro comercial da maioria dos países das Américas Central e do Norte.

Em termos quantitativos, no ano 2000 as exportações da China somaram US$253 bilhões, ao passo que no ano de 2022 essa cifra atingiu US$3,7 trilhões, ou seja, em pouco mais de duas décadas o crescimento foi de mais de 1300%. Já nas importações da China, considerando o mesmo período, saíram de US$224 bilhões para US$3,1 trilhões, ou seja, um salto aproximadamente no mesmo patamar das exportações em termos percentuais (Banco Mundial, 2023). Neste sentido, do ponto de vista dos produtos exportados, nota-se o crescimento substancial de manufaturados de elevado conteúdo e complexidade tecnológica (Gráfico 2), desde bens de consumo duráveis e não duráveis até bens de capital, como máquinas e equipamentos, conforme aponta o gráfico 2.

Gráfico 2 - Evolução das exportações da China por tipo de produto (US$ 2000-2021)



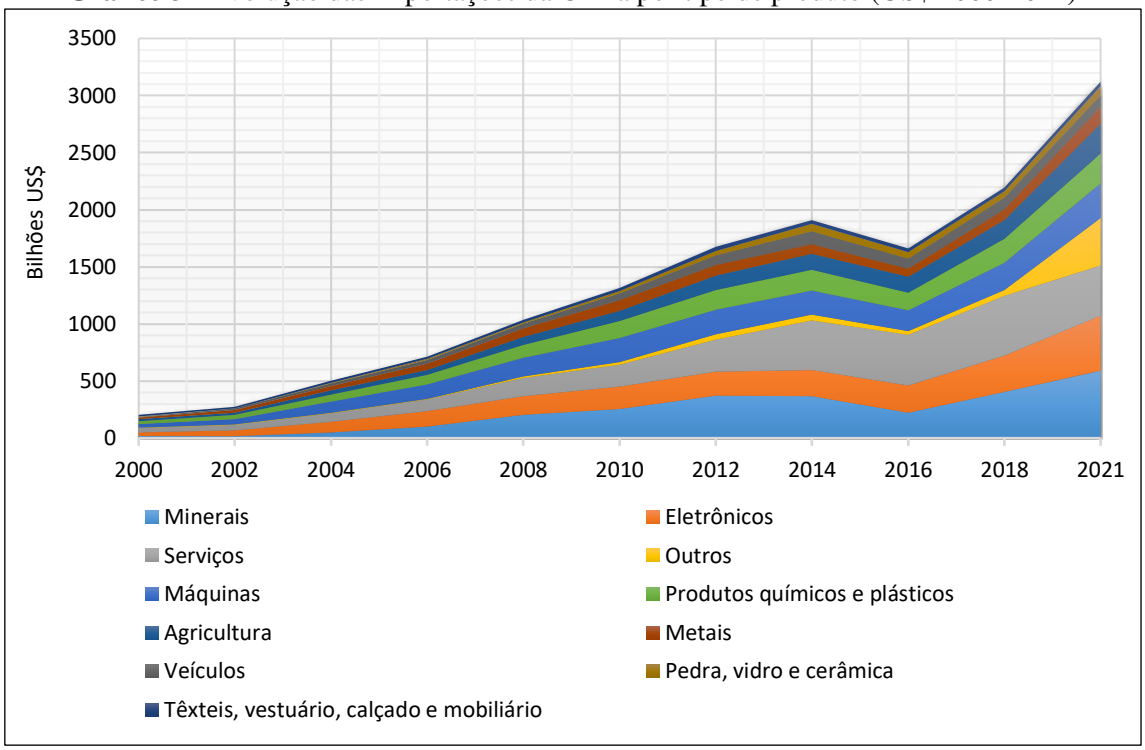
Fonte: The Atlas of Economic Complexity, 2021.
Organizado pelos autores.

Segundo os dados apresentados no gráfico 2, em 2021 os produtos eletrônicos representavam aproximadamente 26% das exportações totais da China, somando um valor de US$943 bilhões, com destaque para aparelhos de transmissão para rádio, telefone e TV; seguido de circuitos integrados eletrônicos, telefones, dispositivos semicondutores, transformadores elétricos e outros. Para se ter uma ideia da expressão desses números, o que a China exporta em produtos eletrônicos é maior que o total comercializado por países como Reino Unido, Japão, França, Holanda, Coreia do Sul etc., que figuram entre os dez principais exportadores do mundo.

Ainda considerando os dados do ano de 2021, a China também exportou um volume relevante de máquinas, totalizando US$804 bilhões, o que representa em torno de 22% das vendas totais. Neste grupo, os computadores possuem a maior fatia, seguido de peças e acessórios para máquinas de escritório. Portanto, produtos eletrônicos e máquinas representam quase a metade (48%) de tudo que a China exportou, considerando, para isso, os dados de 2021 (Gráfico 2).

Por outro lado, no que diz respeito às importações (Gráfico 3), pode-se observar um quadro diferente das exportações, pois a China demanda grandes quantidades de bens primários, matérias-primas e semimanufaturados para abastecer a sua indústria e o mercado interno. Dentre os principais bens importados, considerando os dados do ano de 2021 (Gráfico 3), destacam-se: circuitos integrados eletrônicos (9,66%), óleos de petróleo brutos (6,91%), serviços de tecnologia da informação e comunicação (5,15%), minérios de ferro e concentrados (4,97%) e outros. No gráfico 3 é possível observar a evolução das importações da China por tipo de produto, no período 2000-2021.

Gráfico 3 - Evolução das importações da China por tipo de produto (US$ 2000-2021)



Fonte: The Atlas of Economic Complexity, 2021.
Organizado pelos autores.

A China tornou-se a principal parceira comercial de mais de uma centena de países ao redor do mundo, como expressão em forma de resultados, de um longo processo histórico de desenvolvimento econômico comandado pelo Estado, o qual incentiva e dá suporte em vários níveis para a inserção das suas empresas no mercado mundial. Essas constatações são derivadas dos inúmeros projetos de desenvolvimento econômico que a China desenvolve há pelo menos quatro décadas, como a criação das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), por exemplo. A cidade e aglomerado urbano e econômico de Shenzhen no Sul da China, por exemplo, uma das mais importantes ZEEs da China, especializou-se nos segmentos produtivos de eletrônicos, semicondutores e peças em geral desses segmentos, tornam-se o polo global dos setores de eletrônicos.

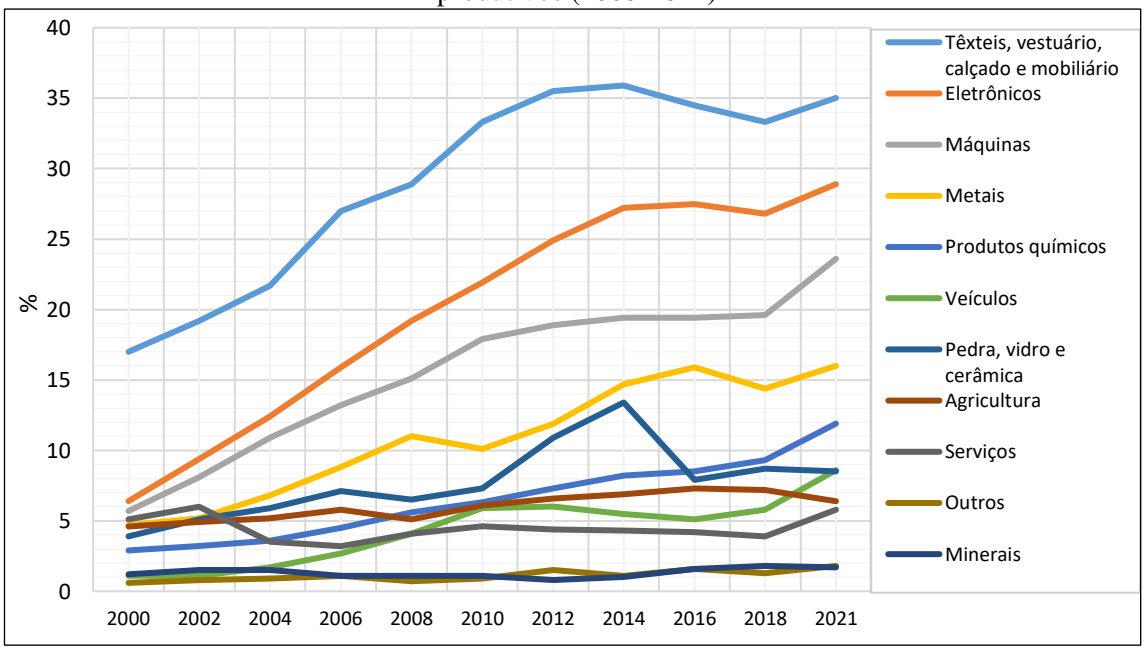
Neste contexto, os principais parceiros comerciais da China em importações são países asiáticos, destacando-se[4] Taiwan (8,15%), Coreia do Sul (8,06%) e Japão (8,03%). Na sequência aparecem Estados Unidos (7,12%), Austrália (6,14%), Alemanha

[4] Participações no total das importações da China, considerando dados de 2021.

(5,35%), Hong Kong[5] (4,40%), Brasil (4,28%), Vietnã (3,42%) e Rússia (3,25%), formando os dez primeiros, que representam quase 60% da origem das importações chinesas. Já nas exportações, os dez países que aparecem como principais parceiros comerciais da China são os seguintes: Estados Unidos (16,64%), Hong Kong (10,05%), Japão (5,20%), Coreia do Sul (4,32%), Alemanha (4,26%), Vietnã (3,83%), Índia (2,77), Reino Unido (2,66%), Holanda (2,56%) e Taiwan (2,39%), que juntos somam cerca de 55% do total exportado pela China (The Atlas of Economic Complexity, 2021).

Neste sentido, também chama atenção a participação da China no mercado global de diversos produtos. O gráfico 4 mostra uma evolução em diversos produtos, como por exemplo os eletrônicos, setor no qual a China possuía 5% do mercado global no começo do século e hoje atinge cerca de 30%. A evolução também foi bastante significativa em produtos têxteis, máquinas, metais, minerais, produtos químicos e veículos, conforme pode ser observado no gráfico 4 (The Atlas of Economic Complexity, 2021).

Gráfico 4 – Porcentagem de participação da China no mercado global por segmentos produtivos (2000-2021)



Fonte: The Atlas of Economic Complexity, 2021.
Organizado pelos autores.

[5] Mesmo se tratando de uma área administrativa pertencente à China, alguns órgãos que fornecem dados, como é o caso do "Atlas of economic complexity", mantém Hong Kong como parceiro comercial da China.

O processo de inserção das empresas chinesas (muitas estatais) nessas estruturas de mercado vem transformando de maneira intensa as chamadas cadeias globais de valor, antes dominadas pelos grandes conglomerados dos países que lideraram as duas primeiras revoluções industriais, que agora precisam lidar com a concorrência e competitividade da China. Jabbour e Paula (2018) assinalam que a China alcançou a tripla condição de potência industrial, comercial e financeira. Além disso, vale ressaltar que a China vem crescendo na inserção de camadas cada vez maiores da população em mercados de consumo de produtos mais sofisticados e vem se destacando na fronteira tecnológica de diferentes segmentos industriais, como na área da saúde, do transporte e das energias renováveis.

Em termos geoeconômicos, os dados apresentados expressam uma China que emergiu como superpotência, desafiando a hegemonia dos EUA e tornando-se também uma das candidatas a liderar a terceira revolução industrial (Mamigonian, 2018). Neste contexto, Fiori (2007; 2024) defende que os EUA não conseguem mais frear a ascensão econômica da China, o que pode se confirmar no médio e longo prazo, caso a China ultrapasse os norte americanos nos valores correntes de produto interno bruto.

Neste sentido, conforme a proposta inicial desse manuscrito, como tem se dado a relação comercial na escala dos estados do Brasil com a China? A resposta dessa questão, que focará nas relações comerciais entre o estado brasileiro de Santa Catarina e a China, vai ao encontro de se afastar dos "achismos" de que o estado de Santa Catarina tem sua estrutura produtiva voltada exclusivamente para os mercados ocidentais (Europa, América do Sul e EUA). Assim, se no passado isso foi predominante, o próximo tópico desse texto indica que tal panorama mudou, isto é, a China tornou-se o principal parceiro comercial de Santa Catarina (considerando os dados do ano de 2023), um estado que não figura, por exemplo, entre os principais produtores de soja e de minérios no Brasil.

AS RELAÇÕES COMERCIAIS DO ESTADO DE SANTA CATARINA (BRASIL) COM A CHINA: DINÂMICA E EVOLUÇÃO NO SÉCULO XXI

Conforme já mencionado, comumente encontram-se publicações científicas, sobretudo artigos em revistas, que analisam as relações comerciais entre o Brasil e a China. Entretanto, raras são as publicações dedicadas a desvendar as relações da China com estados da federação ou até mesmo regiões produtivas dos estados. Neste contexto,

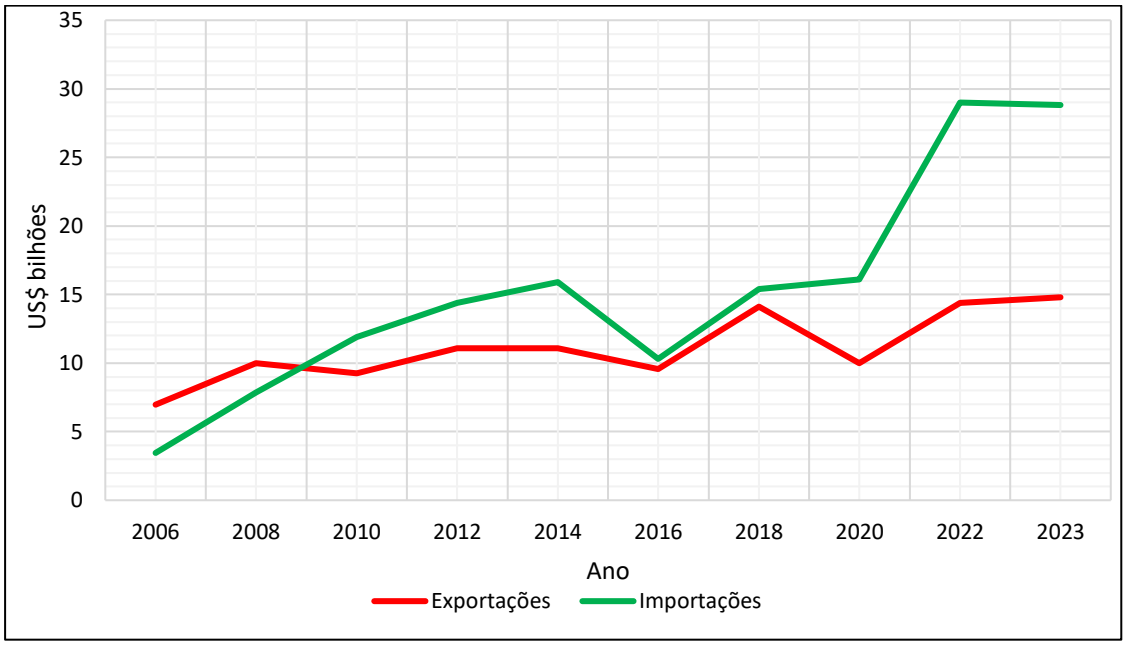
o tamanho territorial do Brasil, a diversificação da sua base produtiva e o papel que diferentes estados cumprem na participação nacional por setores produtivos torna interessante uma análise pelos recortes estaduais, de modo que, essa perspectiva também poderia ser pensada no âmbito da China, uma vez que também se trata de um país com dimensões continentais, figurando como terceiro maior território do mundo em extensão territorial (não será esta a preocupação neste momento, mas o ensejo de analisar a participação regional-provincial da China no comércio com o Brasil está dado). Neste sentido, ao mesmo tempo que há similaridades da base exportadora de diferentes estados brasileiros, também há especificidades a serem exploradas. No caso do estado de Santa Catarina, há uma trajetória histórica a ser considerada, a qual permitiu uma ampliação expressiva das relações comerciais com a China.

O estado de Santa Catarina apresenta como característica marcante uma economia diversificada e um setor industrial e agroindustrial dinâmico e pujante, com a presença de empresas de projeção nacional e internacional (Mamigonian, 2005). Isso se evidencia principalmente quando a estrutura produtiva de Santa Catarina é comparada com outros estados do Brasil. Nesse sentido, do ponto de vista populacional, os dados demonstram que Santa Catarina possui a décima maior população nacional, com 3,75% do total, ao passo que possui 9,58% do total de empregos na indústria de transformação – atrás somente de São Paulo e Minas Gerais – e 5,66% do valor bruto da produção industrial, considerando os dados do ano de 2021 (BRASIL, 2022; IBGE, 2022a; 2022b).

Ademais, em termos de produção total de riquezas, apesar de uma área territorial pequena (95,3 mil km²) e de ser apenas a décima maior população do Brasil, o produto interno bruto (PIB) de Santa Catarina atingiu a marca de R$505 bilhões no ano de 2023, aproximando-se dos 5% de participação sobre o PIB nacional. Von Dentz (2022) chama atenção para o fato de que no final da década de 1990 a participação de Santa Catarina no PIB nacional não chegava a 3%. Neste contexto, o comércio exterior de Santa Catarina não é uma aleatoriedade, mas sim fruto dessa estrutura produtiva especializada e diversificada, a qual reflete nos volumes e quantidades das suas relações comerciais internacionais, ou seja, com as exportações e as importações, sobretudo com a China, conforme será visto.

Diante disso, no Gráfico 5 é possível analisar a balança comercial de Santa Catarina no período entre 2006 e 2023.

Gráfico 5 - Evolução da balança comercial de Santa Catarina (2006-2023)



Fonte: DataViva, 2023[6].
Organizado pelos autores.

Conforme os dados do Gráfico 5, as exportações totais de Santa Catarina tiveram um aumento entre os anos de 2006 e 2023, passando de US$7 bilhões para US$15 bilhões. Por outro lado, as importações cresceram de forma ainda mais expressiva, passando de US$3,45 bilhões para mais de US$28,8 bilhões, considerando o mesmo período. Trata-se de um estado com balança comercial deficitária, de maneira que no ano de 2023 os valores importados somaram quase o dobro dos valores exportados, representando o maior déficit comercial do estado de Santa Catarina (cerca de US$ 14 bilhões de déficit – Gráfico 5). Isso ocorre em razão de que, apesar de se tratar de um estado com base produtiva e exportadora diversificadas, ainda não possui a estrutura produtiva, sobretudo de alto incremento tecnológico, para produzir os componentes fundamentais para seus motores elétricos e máquinas frigoríficas, para citar dois exemplos.

Diante disso, Santa Catarina tem grande demanda por produtos como: máquinas e equipamentos eletrônicos, microchips e semicondutores, metais (cobre, ferros transformados, aços transformados etc), produtos químicos, plásticos e borrachas, dentre

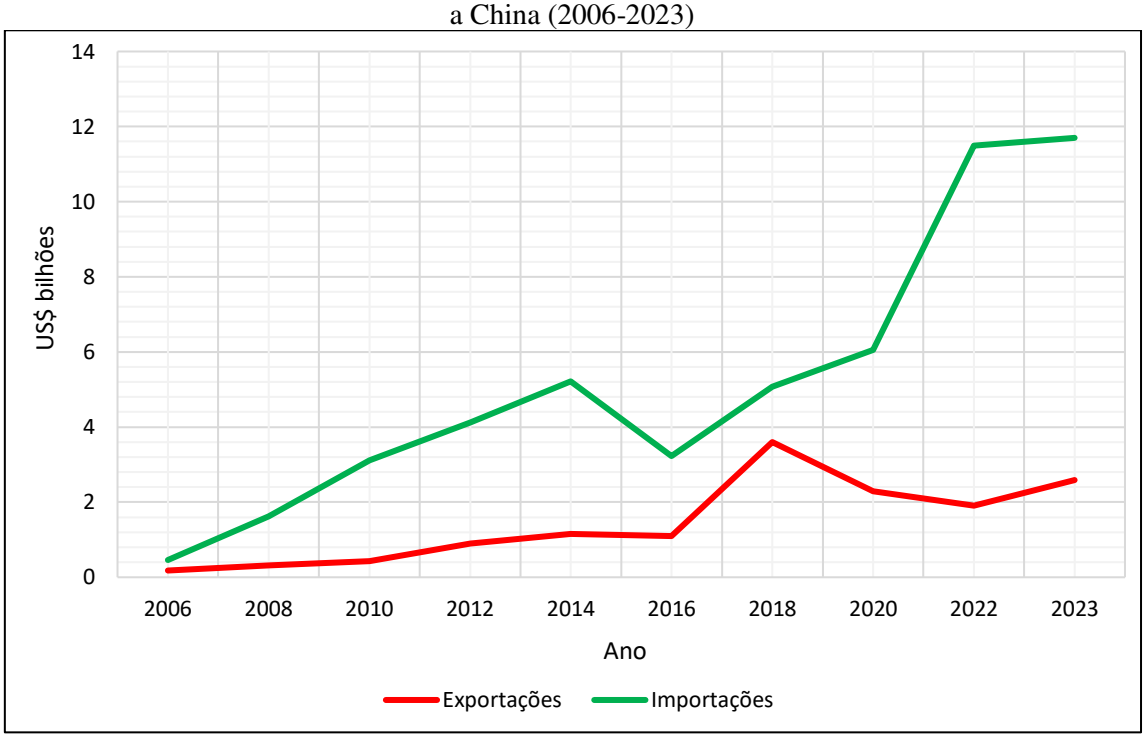
[6] A plataforma de dados DataViva (https://www.dataviva.info/pt/) utiliza dos dados oficiais do governo, neste caso, do MDIC.

outros. Tratam-se de produtos que em termos de valor, custam caro; o que ajuda a explicar os altos valores importados pelo estado. Para além disso, chama atenção que entre os anos de 2018 e 2022 as importações do estado cresceram expressivamente (Gráfico 5), o que está relacionado com uma incapacidade para produzir peças, máquinas e equipamentos com maior tecnologia embarcada nos processos produtivos.

No que se refere à evolução da participação em percentagem dos principais parceiros comerciais do estado de Santa Catarina, nota-se que há uma mudança grande. Enquanto no ano de 2006 os principais parceiros para onde as exportações de Santa Catarina se destinavam eram: EUA (21%), Alemanha (5,7%), Argentina (5,5%), Holanda (5,4%), Rússia (4,5%), Reino Unido (3,9%), Japão (3,8%), Venezuela (3,2%), Itália (2,7%), México (2,7%) e China (2,6%); já no ano de 2023 os principais parceiros para as exportações de Santa Catarina foram: China (17%), EUA (12%), Argentina (5,6%), México (5,2%), Chile (4,1%) e Holanda (2,8%). Entre 2006 e 2023 a China saiu de décimo primeiro maior comprador dos produtos catarinenses para a posição de primeiro comprador. Em 2006 as exportações de Santa Catarina para a China somavam US$180 milhões e em 2023 atingiram a marca de US$ 2,59 bilhões. Já nas importações, no ano de 2006 os países dos quais Santa Catarina mais comprava eram: Argentina (17%), China (13%), Chile (12%), EUA (8,2%) e Alemanha (5,1%); em 2023 esse cenário também muda bastante, sendo que os principais países de origem das compras catarinense eram: China (41%), EUA (7,2%), Chile (6,2%), Argentina (5,5%), Alemanha (4,4%) e México (2,2%). Embora em 2006 a China já fosse o segundo maior país do qual o estado de Santa Catarina importava, tratava-se de um valor de US$460 milhões importados, ao passo que no ano de 2023 esse valor atingiu US$11,7 bilhões em importações, tratando-se, portanto, de um crescimento muito expressivo no período.

Dado que a China é o maior parceiro comercial do estado de Santa Catarina, tanto em importações quanto em exportações, no Gráfico 6 pode-se analisar a balança comercial de Santa Catarina, a partir dos valores importados e exportados, especificamente com a China, considerando o período 2006-2023.

Gráfico 6 - Evolução das importações e exportações (balança comercial) de Santa Catarina com a China (2006-2023)



Fonte: DataViva, 2023.
Organizado pelos autores.

De acordo com o Gráfico 6, no período sinalizado, as exportações de Santa Catarina para a China cresceram mais de 700%, passando de US$300 milhões para US$2,6 bilhões. Ao mesmo tempo, as importações de Santa Catarina em relação à China cresceram mais de 2.900%, passando de US$400 milhões para mais de 11 bilhões. Apesar do expressivo crescimento verificado, tanto nas importações quanto nas exportações, chama a atenção o aumento do déficit da balança comercial de Santa Catarina com a China, o qual era de pouco mais de US$100 milhões no ano de 2006 e atingiu a marca de US$9 bilhões no ano 2023 (Gráfico 6). O crescimento desse déficit está relacionado, dentre outros fatores, com a diferença de valor dos produtos exportados pela China para Santa Catarina e dos produtos exportados pelo estado de Santa Catarina para a China.

Considerando os dados de 2023, Santa Catarina exportou para a China US$2,6 bilhões. Esse valor é derivado, principalmente, dos seguintes produtos catarinenses: 44% de soja[7], 25% de carne suína, 18% de carne de aves, 4% de milho e

[7] Mencionamos entre o final do primeiro item e o início do segundo item do texto, que Santa Catarina não figura entre os estados que mais exportam soja do Brasil. Ainda assim, há uma porcentagem significativa nos dados em razão de uma parcela da soja dos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul serem exportados

2,3% de miúdos comestíveis de carne bovina (esses cinco produtos somaram mais de 83% da pauta exportadora do estado em 2023) (DataViva, 2023). Trata-se de produtos com importante presença tecnológica nos processos produtivos, sobretudo os setores de carnes, que passam por processos intensos de transformação até atingir o formato final para o destino internacional. Entretanto, essas tecnologias que Santa Catarina dispõe para produzir são, na sua grande maioria, compradas de outros países, sobretudo da própria China, mas também da Alemanha, Itália, EUA, Coreia do Sul e Japão. Assim, os produtos que Santa Catarina mais exporta para a China possuem conteúdo tecnológico embarcado, mas boa parte dessa tecnologia usada para processar as carnes, por exemplo, não é de origem brasileira. Ela é comprada pronta sobretudo quando se trata de máquinas e equipamentos frigoríficos e, em algumas das vezes, é montada no estado de Santa Catarina ou em outros estados do Brasil.

Já a pauta exportadora da China para o estado de Santa Catarina mostra-se com outra composição de produtos. No ano de 2023, dos setores produtivos dos quais a China mais exportou para Santa Catarina, cerca de 30% foi do setor industrial, 15% foi de artigos têxteis, 10% da indústria química e 8% do ramo de transportes; para citar os principais. Quando considerado os produtos, os mais exportados pela China para Santa Catarina foram: semicondutores (5,9%), produtos laminados de ferros revestidos (5,5%), transformadores elétricos (2,9%), aquecedores elétricos (2,8%) pneumáticos novos (2,8%), filamentos sintéticos (2,6%), telefones (1,6%), empilhadeiras (1,4%) e peças para veículos (1,3%). Neste sentido, enquanto nas exportações de Santa Catarina para a China cinco dos principais produtos exportados representaram mais de 80% do total das exportações do estado; nas exportações da China para Santa Catarina nove dos principais produtos exportados pelo país não chegaram a representar 30% do total. Ou seja, a pauta exportadora da China é mais diversificada e mais atrelada à indústria do que a pauta exportadora do estado de Santa Catarina, considerando a relação comercial do estado catarinense com a China (DataViva, 2023).

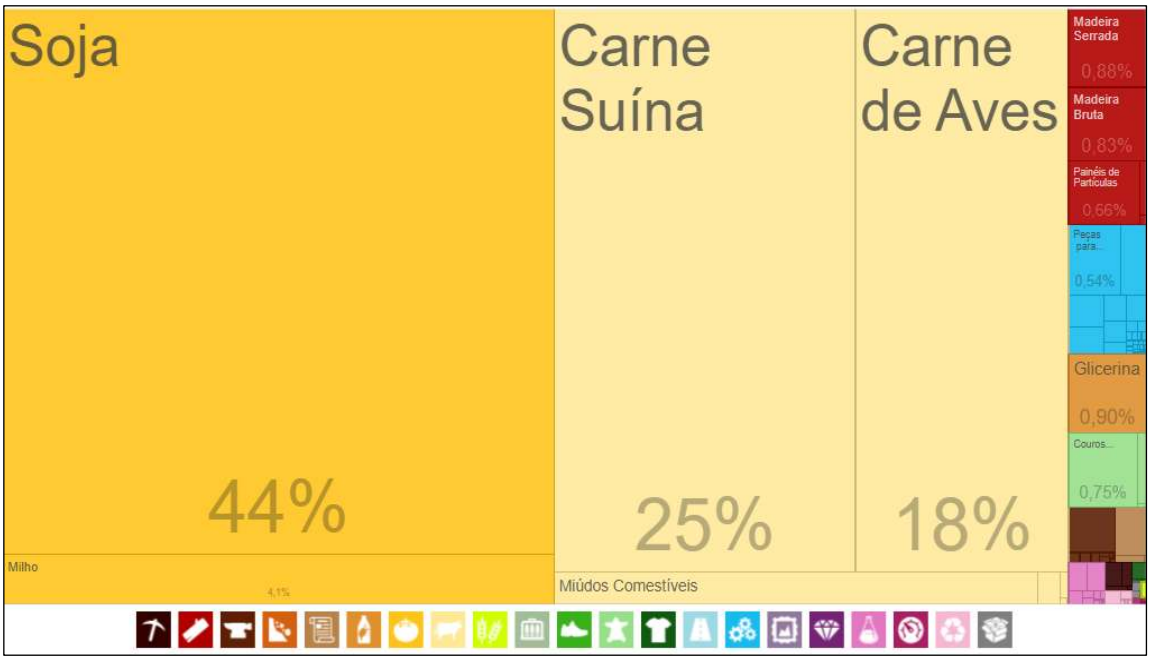
Esses dados também permitem afirmar que o nível da complexidade tecnológica embarcada na pauta exportadora da China é muito superior ao nível da complexidade tecnológica presente na pauta exportadora dos produtos catarinenses para

pelo porto de São Francisco do Sul-SC, especializado na exportação em granel. Isso faz com que esse dado seja mais expressivo, embora Santa Catarina também seja exportadora de soja, mas em quantidade pequena se comparado a outros estados do Brasil.

a China (Figuras 1 e 2). Essa constatação, por si só, coloca o estado de Santa Catarina e o Brasil em desvantagem competitiva em relação à China, apesar de todos os avanços ocorridos nos complexos produtivos de suínos e frangos em regiões como o Oeste catarinense, por exemplo, consolidada nestas cadeias produtivas (Von Dentz e Espíndola, 2023). São avanços que mudaram a estrutura produtiva desses complexos produtivos, mas que não desenvolveram, por exemplo, uma indústria de inovação em semicondutores para máquinas frigoríficas, câmeras refrigeradas, motores e aparelhos elétricos, dentre outros. Esses produtos são importados por Santa Catarina de países desenvolvidos como a China, principalmente, ou então, podem até ser montados em solo brasileiro. Mas não se trata de Santa Catarina dominar os setores tecnológicos mais sofisticados dos quais faz uso.

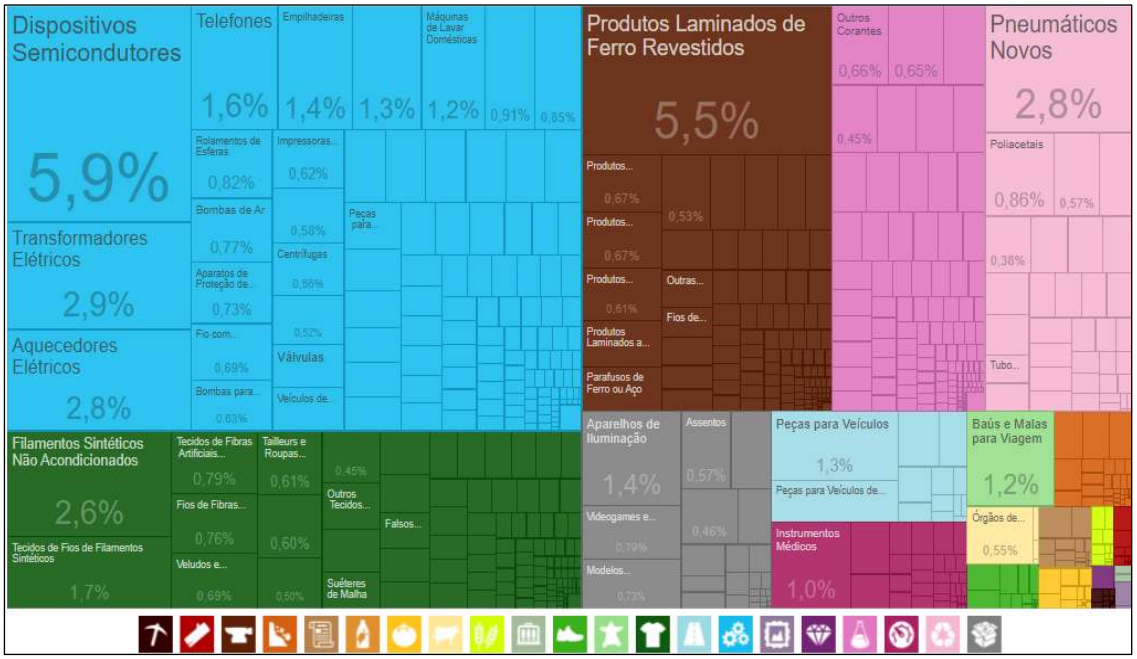
Desta forma, o panorama dos principais produtos que compõe as exportações e as importações de Santa Catarina em relação à China pode ser visualizado nas figuras 1 e 2.

Figura 1 – Principais produtos que compõe as exportações do estado de Santa Catarina em relação a China (2023)



Fonte: DataViva, 2023.
Organização dos autores.

Figura 2 – Principais produtos que compõe as importações do estado de Santa Catarina em relação a China (2023)



Fonte: DataViva, 2023.
Organização dos autores.

Diante da configuração dos dados apresentados nas figuras 1 e 2, a diversidade de produtos que a China exporta para Santa Catarina e a participação de produtos manufaturados de alto valor agregado nos quantitativos de valores exportados contribuem para a compreensão das razões pelas quais o déficit comercial de Santa Catarina em relação ao comércio com a China é tão expressivo. Neste contexto, verifica-se a necessidade de aprendizagem tecnológica, investimentos em inovação, em pesquisa e desenvolvimento pelo Estado brasileiro e pelo governo do estado de Santa Catarina. Esse processo de aprendizagem tecnológica em um dos estados com maior presença industrial na composição do PIB no Brasil mostra-se urgente, sob pena de aumentar cada vez mais a dependência tecnológica para países do mundo desenvolvido, especialmente para a China, que tem se mostrado uma nação competente na produção e fornecimento desses produtos com nível elevado de tecnologia embarcada.

A entrada de Santa Catarina neste processo de aprendizagem tecnológica não pode mais esperar, pois se trata de um processo lento, que precisa unir pesquisa científica das universidades e instituições públicas de pesquisa com o interesse dos setores produtivos privados, ou seja, das empresas. Um exemplo que pode ser citado é a Coréia

do Sul, que demorou cerca de 40 anos para amadurecer esse processo (Moreira e Bastos, 2023), a China cerca de 30 anos sob forte incentivo do Estado e capacidade de planejamento e execução de um projeto de nação que envolve o amadurecimento da sua capacidade tecnológica de produção, ou seja, de planejamento das coisas (Jabbour e Gabriele, 2021). Por essas razões, o processo de aprendizagem tecnológica no estado de Santa Catarina e no Brasil como um todo, não pode mais esperar, sob pena de o país ficar *ad aeternum* na condição de "em desenvolvimento".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste início de século XXI, a China consolidou-se definitivamente como a maior potência industrial, comercial e financeira do mundo. Tal condição geoeconômica alcançada pelo país não é fruto de um milagre ou do acaso, mas sim de um longo processo marcado, de modo geral, por vigorosas políticas de investimento governamentais, constantes inovações institucionais comandadas pelo Partido Comunista Chinês (PCCh) e domínio do setor público nos setores considerados estratégicos da economia.

No contexto do desenvolvimento chinês, os dados levantados e analisados no texto demonstram, de maneira inequívoca, que a China se tornou o principal parceiro comercial do Brasil, mas também de estados brasileiros considerados dinâmicos economicamente, como é o caso do estado de Santa Catarina. Ocorreu expansão tanto das exportações quanto das importações, evidenciando uma estreita relação geoeconômica.

A despeito desse cenário, historicamente há um déficit na balança comercial do estado que vem se aprofundando nos últimos anos, sobretudo a partir de 2018, atingindo a ordem de US$9 bilhões em 2023. Ademais, existe uma disparidade considerável na sofisticação produtiva das relações comerciais de Santa Catarina com a China, isto é, o estado catarinense importa produtos de maior conteúdo tecnológico comparativamente aos produtos que exporta para a China.

Nesse sentido, o estado de Santa Catarina, que pode ser considerado proporcionalmente um dos mais industrializados do Brasil e com uma base produtiva diversificada, com uma história de aprendizado e êxito em alguns segmentos industriais, pode buscar parcerias nos setores que possui dependência das nações desenvolvidas, visando internalizar inovações e agregar mais valor nas suas exportações para a própria

China e outros países. À estas parcerias estratégicas que Santa Catarina precisa entrar chamamos de processo de aprendizagem tecnológica, a exemplo do que inúmeras províncias chinesas fizeram paulatinamente desde os anos 1980 e 1990 até os dias de hoje.

Com a aproximação comercial do Brasil e de Santa Catarina com a China, como ficou demonstrado, abrem-se janelas de oportunidade para novas parcerias em várias áreas, as quais podem estreitar ainda mais as relações comerciais, buscar recursos para obras de infraestrutura, transferências de tecnologias, intercâmbios educacionais e científicos, entre outros. Além disso, tomar esse caminho demanda visão estratégica e a construção de um projeto nacional que tenha no seu núcleo duro, o objetivo central de unir o setor produtivo com os investimentos públicos em ciência e tecnologia, para que seja possível alcançar vantagens competitivas no processo de amadurecimento tecnológico e impulsionar o desenvolvimento socioeconômico brasileiro e catarinense.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento da pesquisa, através do processo número: 151184/2022-4. E à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa na modalidade bolsa de doutorado - Demanda Social (DS).

REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL. **Dados abertos**. 2023. Disponível em: https://data.worldbank.org/region/world. Acesso em: 06 mai. 2024.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho. **Relação Anual de Informações Sociais** (RAIS). Brasília, DF, 2022.

CISESK, P. P. **China**: milagre econômico e desafios pós-crise financeira internacional. In: Boletim de Economia e Política Internacional (BEPI - IPEA), Brasília, n. 10, 113 p., abr./jun. 2012. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/4553?mode=full. Acesso em: 07 mai. 2024.

DATAVIVA. **Santa Catarina:** comércio internacional. 2023. Disponível em: https://www.dataviva.info/pt/build_graph/secex/5sc/all/all?view=Trade%20Balance&graph=line. Acesso em: 03 jun. 2024.

FIORI, J. L. A "multipolaridade" e o declínio crônico do Ocidente". **A Terra é Redonda**, 17 mai. 2024. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/a-multipolaridade-e-o-declinio-cronico-do-ocidente/. Acesso em: 24 mai. 2024.

FIORI, J. L. A nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul. **Oikos**, nº 8, ano V, Rio de Janeiro, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Industrial Anual** - empresa. 2022a. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pia-empresa/tabelas/brasil/2021. Acesso em: 28 mai. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 2022**. 2022b. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2022/universo-populacao-por-idade-e-sexo. Acesso em 28 mai. 2024.

JABBOUR, E. M. K.; PAULA, L. F. A China e a "Socialização do Investimento": uma abordagem Keynes-Gerschenkron-Rangel-Hirschman. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 22, n. 1, p. 1-23, jan./abr, 2018.

JABBOUR, E. K.; DANTAS, A. T.; ESPÍNDOLA, C. J. Considerações iniciais sobre a "Nova Economia do Projetamento". **Revista Geosul** (UFSC), v. 35, p. 17-42, 2020.

JABBOUR, E. K.; GABRIELE, A. **China**: o socialismo do século XXI. 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

JABBOUR, E. M. K.; DANTAS, A. T.; ESPÍNDOLA, C. J.; VELLOZO, J. C. A (nova) economia do projetamento como estágio superior do socialismo chinês. **Revista Desenvolvimento & Civilização**, v. 2, p. 1-34, 2022.

MAMIGONIAN, A. **Estudos de Geografia Econômica e de Pensamento Geográfico**. 2005. 266 f. Tese (livre-docência) – Departamento de Geografia, FFLCH - USP, São Paulo, 2005.

MAMIGONIAN, A. O Mundo no final do século XX e início do século XXI. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 100, p. 173-205, 2018.

MDIC. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior. **Balança Comercial Brasileira**. Brasília: MDIC, 2024. Disponível em: http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/estatisticas-de-comercioexterior/balanca-comercial-brasileira. Acesso em: 02 mai. 2024.

MOREIRA, U.; BASTOS, P. P. Z. Desenvolvimento convidado ou projetado? Dependência, Estado e capital nacional no desenvolvimento capitalista na Coreia do Sul. **Revista de Economia contemporânea**, v. 27, p. 1-37, 2023.

PAUTASSO, D.; DORIA, G.; NOGARA, T. A Nova Rota da Seda e o projeto chinês de globalização. **Revista Insight Inteligência** (Rio de Janeiro), v. 90, p. 106-115, 2020.

RANGEL, I. Elementos de Economia do Projetamento. In: RANGEL, I. **Obras Reunidas**. Rio de Janeiro: Contraponto, [1959] 2005.

THE ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY. **Fluxos Comerciais Globais**. 2021. Disponível em: https://atlas.cid.harvard.edu/explore. Acesso em 27 mai. 2024.

VON DENTZ, E. **A dinâmica geoeconômica da mesorregião Oeste catarinense:** dos agronegócios à complexidade econômica regional. 2022. 484 f. Tese (Doutorado em

Geografia) –Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

VON DENTZ, E.; ESPÍNDOLA, C. J. Relações geoeconômicas da mesorregião Oeste catarinense com a China (2003-2020). **Geosul** (Florianópolis), v. 38, n. 87, p. 95-114. 2023.

WORLD BANK. **Poverty gap at $3.65 a day (2017 PPP) (%) – China.** 2021. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.LMIC.GP?locations=CN. Acesso em: 10 jun. 2024.

WORLD BANK. **Export and import value index – China.** 2022. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/TX.VAL.MRCH.XD.WD?locations=CN. Acesso em: 12 mai. 2023.

Recebido em julho de 2024.

Revisão realizada em setembro de 2024.

Aceito para publicação em novembro de 2024.